



EDITORIAL  
PAISAGENS EM META(MORFOSE):  
NARRATIVAS URBANAS  
PARA O SÉCULO XXI

### **A RUA TEM ALMA, AFIRMOU O CRONISTA**

dos cotidianos o carioca João do Rio. Entre reflexões e olhares atentos à paisagem urbana, considerou o autor em *A alma encantada das ruas*:

Nós pensamos sempre rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e difamação – ideias gerais – até aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, ideias particulares (RIO, 2010, p. 74),

e mais: *no espírito humano a rua chega a ser a imagem que se liga a todos os sentimentos e serve para todas as comparações (Ibidem, p. 78).*

De fato, o que desperta interesse nesse marcador diz respeito aos ecos das narrativas de João do Rio sobre a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX e, por assim dizer, contrastá-las sobre o espaço-tempo do Brasil contemporâneo. Nos dias atuais, o *modus* de vivenciar o cotidiano social nas ruas, de estar e ser na paisagem, de experimentar conviviabilidades possíveis na mistura de experiências socioculturais e políticas tem sido marcado por tensionamentos e acirramentos da sociedade. Os antagonismos políticos e a precarização na leitura das representações que se manifestam no ambiente urbano, especialmente nos grandes centros, turvam a interpretação de um tempo-histórico e, produzem cortinas de fumaça que ofuscam em parte as convicções de uma sociedade que ainda busca por caminhos para desenhar outros horizontes e imaginar futuros possíveis.

A primavera de 2022, em seus últimos dias, também solicitava uma atenção redobrada dos nossos sentidos. Isso porque as ruas se tornaram palco de múltiplas experiências, sobretudo aquelas revestidas de representações políticas, provocadas pelas eleições dos cargos públicos, em particular a cadeira da Presidência do país. Diante desse contexto, poderíamos afirmar que a *forma-rua* teve em si a força capaz de desencadear o pensamento crítico na sociedade e assim, potencializar movimentos transformadores na cidade.

Na duração desses dias, as ruas, como aquelas narradas por João do Rio em um Rio de Janeiro de um outro tempo, foram marcadas por estados de euforia, alívio, desapontamento, fúria e indignação. Logo, esses jogos sociais produziram, ao seu modo, formas de apropriação dos espaços livres e firmaram na paisagem acordos que, por sua vez, colocaram em movimento pactos políticos, associações socioespaciais ou alinhamentos ambientais. Mas o estar nessas ruas ofereceu mais: somado a essas singularidades já indicadas, ecoavam ainda gritos coloridos na cor verde e amarelo. Uma espécie de epifania à brasileira, do resgate simbólico de uma unidade político-social

fragmentada. Ou, por que não dizer, o desejo de uma nação unida por um ideal. Não importa aqui qual seja a real compreensão dos acontecimentos. O que de fato pode ser considerado é a forma como as pessoas que se aglomeravam nas esquinas das ruas e largos e que movimentavam suas bandeiras em seus apartamentos ou casas tinham como ideal torcer pelo Brasil na Copa do Mundo de futebol, retomando a narrativa da união ainda que somente no cenário desportivo.

Foram nessas mesmas ruas, praças e largos da paisagem carioca que docentes, pesquisadores e estudantes deslocaram suas ideias, propuseram questionamentos e exploraram os *Desafios para as formas urbanas do século XXI*, tema proposto pelo Fórum PNUM 2022<sup>1</sup>, organizado pela Rede Lusófona de Morfologia Urbana/*Portuguese-Language Network of Urban Morphology* e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro por meio do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ)<sup>2</sup>.

A edição temática da Revista Paisagens Híbridas é uma devolutiva relativa as distintas contribuições para os estudos sobre morfologia urbana e cartografia referentes às apresentações e debates articulados no evento. Neste volume são apresentados estudos interessados na preservação do legado patrimonial, das representações e manifestações culturais, assim como das diversas práticas socioespaciais, leituras essenciais para a compreensão da forma urbana e da necessidade de se pensar na construção de espaços mais inclusivos, democráticos e sustentáveis.

<sup>1</sup> A Coordenação Geral do evento esteve sob a responsabilidade da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Regina Tângari - PROARQ/MPPP-FAUFRJ e do Prof. Dr. Vitor Oliveira - Citta/FEUP.

<sup>2</sup> Instituições parceiras: Centro de Investigação do Território, Transporte e Ambiente (Citta-FEUP), o Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território (Dinamía/CET-IUL) do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e os Grupos de pesquisas Sistema de Espaços Livres no Rio de Janeiro (PROARQ-FAUFRJ), Qualidade do Lugar e Paisagem (PROARQ-FAUFRJ), Ambiente Educação (PROARQ-FAUFRJ), Projeto e Representação do Ambiente (PROARQ-FAUFRJ), Paisagens Híbridas (EBA/UFRJ), Ateliê de Pesquisas da Paisagem (PPGAU/IFF) e linha de pesquisa Projeto, Inovação e Gestão em Arquitetura e Urbanismo (POSURB-ARQ).

A seleção dos trabalhos, provenientes de diferentes regiões do país, nos revela tanto os desafios urbanos em comum (globais), sobretudo relacionados às formas de representação e apreensão dos fenômenos e transformações da paisagem, como também as particularidades regionais, referentes às influências culturais, socioambientais e econômicas, singulares a cada território.

A discussão do que é patrimônio e a quem serve este conceito estar presente neste cenário, no qual a mídia e a narrativa hegemônica aceleram um processo de padronização das formas/representações urbanas e do apagamento de singularidades e narrativas que representam grupos marginalizados ou oprimidos pela história. Diante de tal premissa duas perguntas cabem aqui para nos dar a dimensão de tanta complexidade: (i) O que é patrimônio? (ii) Quais as diferentes ameaças no cenário atual de nossas cidades?

Se compreendemos esses territórios como organismos vivos em constante transformação, é possível construirmos paralelos com o conceito de metamorfose – termo utilizado no campo da biologia para constatar mudanças significativas em insetos e anfíbios como as transições até a vida adulta. No campo da literatura, a constatação se dá em outra ordem: *A Metamorfose*, de Franz Kafka, explora, por exemplo, o conceito da metamorfose a partir da história de um homem que se transforma em um inseto abominável – uma metáfora sobre a complexa rede de questões psíquicas, sociais, culturais que afeta, captura e, em determinados casos, deixa cativo o homem de suas próprias vontades e arbítrio. A metamorfose sofrida por Gregor, personagem principal da obra, diz respeito ao desconhecimento do seu próprio corpo, descortinando a alienação e a naturalização da vida. O atravessamento dos seus desejos e motivações o conduziram à automatização, ao sequestro e ao cativeiro de cotidianos que progressivamente o tornam um “ser-máquina”; um dispositivo útil somente para a manutenção do sistema capitalista.

Guardadas as devidas proporções, as transformações forjadas nos tecidos urbanos também se assemelham a essa animosidade perversa. Citamos como exemplos os processos de segregação socioespacial; a crescente periferização e marginalização urbana; a exploração irresponsável de recursos naturais; a precarização das formas de convivialidades; o apagamento da memória e paisagens locais; dentre outros oportunamente descritos pelos trabalhos aqui expostos nesse volume temático da revista Paisagens Híbridas. Nesse sentido, o caleidoscópio de possibilidades discursivas apresentado serve de fio condutor para a definição do recorte temático desta edição, percorrendo cada uma das camadas que se agrupam, entrelaçam-se e por vezes se repelem nesse complexo e dinâmico organismo – em constante metamorfose – chamado cidade.

O resgate histórico das transformações das paisagens (a morfologia como testemunho) desvenda as distintas transformações experienciadas no espaço-tempo, sejam elas de grande impacto e facilmente notadas ou as mais sutis, por vezes temporárias e nem sempre percebidas. As metamorfoses são inevitáveis e constantes – como nas ruas de João do Rio.

O apelo que muitos dos artigos aqui comunicam se refere às táticas de transformação, ou seja, propostas de intervenções mais democráticas, condizentes com os anseios da população em concordância com os atributos da natureza. Eles ainda nos oferecem pistas e métodos propositivos para a compreensão desta rede articulada por nós (conflitos, controvérsias, questionamentos) e linhas (fluxos, mediações, conceitos), que compõem as distintas paisagens, não apenas descrevendo a forma urbana, mas também evidenciando os principais processos geradores desta. Isto é morfologia: o ato de decompor as camadas estruturantes das cidades, transcendendo a materialidade da forma para alcançar as dinâmicas subjetivas que a produzem ou que a (re)produzem.

Esperamos que este volume da Revista Paisagens Híbridas seja um convite oportuno para exercitarmos nosso conhecimento, análises e críticas às meta(morfoses) urbanas e aos desafios gerados pelas formas urbanas do século XXI.

Boa leitura! Saudações Morfológicas!

*Bruno Ragi Eis Mendonça*

*Daniel Athias Almeida*

*Lorena Maia Resende*

